

Knut Heim, Provérbios, Aula 4, Paralelismo

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número quatro, Repetições Variantes, Paralelismo, Palestras em Provérbios, capítulos um a nove.

Bem-vindo à lição quatro do livro bíblico de Provérbios.

Nesta lição, examinaremos três aspectos particulares do livro de Provérbios em geral. Então, este é um tipo de trabalho metodológico de base que faremos, e espero que inspire você a ler o livro de Provérbios por si mesmo, com todo o seu valor. Então, o método é meio teórico.

Talvez em alguns aspectos também seja um pouco complicado, mas espero que, no final deste livro, você compartilhe meu entusiasmo sobre as complexidades da poesia proverbial e como a beleza é criada através da arte na linguagem. As três áreas são, em primeiro lugar, vamos examinar uma das três características mais proeminentes da poesia bíblica, nomeadamente o paralelismo. Falarei sobre os outros dois recursos mais tarde.

Depois também veremos um fenômeno significativo que é muito especial no livro de Provérbios, que é o que chamo de repetição de variantes. Isso significa a repetição de versículos semelhantes em diferentes partes do livro de Provérbios. Já vimos um exemplo com a repetição parcial do capítulo 1, versículo 7, e do capítulo 9, versículo 10 na aula anterior, na aula 3. E então a terceira área que vamos examinar é a, você poderia chamar isso de projeto estrutural, a arquitetura das várias partes das palestras nos capítulos 1 a 9 de Provérbios, que são bastante diferentes do material do capítulo 10 em diante.

Então essas são as três áreas. Então, vamos começar com paralelismo. Para isso, vou ler diversas seções do meu livro recente, Imaginação Poética no Livro de Provérbios.

Esse é este. Ficou um pouco mais pesado do que eu pretendia originalmente, mas foi muito divertido escrever isso. E no processo, é claro, aprendi uma ou duas coisas que tentei colocar por escrito, e algumas delas agora quero compartilhar com vocês.

Assim, se fizermos um levantamento dos estudos sobre o paralelismo na poesia bíblica, precisamos notar, em primeiro lugar, que durante os últimos 250 anos ou mais, o paradigma reinante para o estudo da poesia hebraica, e do paralelismo em particular, tem sido o paradigma desenvolvido pelo Bispo Robert Lowth em suas famosas palestras, *De Sacra Poesiae Hebraeorum, Praelectiones*, de 1753. Esta foi uma série de palestras que ele realmente deu na Universidade de Oxford enquanto

lá era professor de poesia. No entanto, é claro, nas últimas décadas, especialmente desde a década de 1980, um processo significativo foi feito, e agora quero falar especificamente, em primeiro lugar, sobre as contribuições de Robert Lowth, para que possamos ter uma noção do contexto de as discussões acadêmicas sobre paralelismo na poesia bíblica.

Mais de um terço da Bíblia está escrito em poesia. Imagine isso. Mais de um terço da Bíblia.

O estudo, como mencionei, do paralelismo em particular foi dominado por Robert Lowth, e a teoria é geralmente hoje conhecida pelo nome latino que Lowth lhe deu, que é chamado *Parallelismus Membrorum*, que traduzido literalmente significa simplesmente paralelismo dos membros. E para dar apenas um exemplo, acho que quero escolher um que esteja muito próximo do meu coração, muito querido ao meu coração, que é o versículo de abertura do Salmo 103,

Louvai ao Senhor, ó minha alma,
e tudo o que há dentro de mim bendiga o seu santo nome.

E você consegue ver como existe um paralelismo entre os membros das duas metades desta dupla afirmação? É um versículo, mas tem duas metades.

Deixe-me repetir isso. Bendize ao Senhor, ó minha alma, e tudo o que há dentro de mim, bendiga o seu santo nome. E você pode ver que, de certa forma, as duas metades do versículo são reafirmações uma da outra, com variações, é claro.

O bispo Lowth chamou isso de paralelismo sinônimo porque as duas metades do paralelo descrevem coisas sinônimas e semelhantes. Agora, o Bispo Lowth propôs originalmente três categorias de paralelismo, nomeadamente sinônimo, antitético e sintético. No paralelismo sinônimo, os versos parciais de um verso poético repetem, citam, o mesmo sentido em termos diferentes, mas equivalentes, terminam aspas.

Um bom exemplo, outro, é Provérbios 18, versículo 15.

O coração do perspicaz adquire aprendizado,
e os ouvidos dos sábios buscam conhecimento.

Aqui, cada expressão, ou assim parece, na primeira parte do provérbio encontra uma contrapartida sinônima muito semelhante, na opinião de Lowth, na segunda.

O segundo destes paralelismos, nomeadamente o paralelismo antitético, ocorre quando, entre outras coisas, quando duas linhas, isto é, as nossas linhas parciais, correspondem uma à outra por uma oposição de termos e sentimentos, quando a segunda é contrastada com a primeira, por vezes em expressões, às vezes apenas no sentido, aspas finais. Um exemplo típico é Provérbios 13, versículo 9. Ouça isto.

A luz dos justos se alegra,

mas a lâmpada dos ímpios se apagará.

Aqui, cada expressão da meia linha inicial encontra uma expressão contrastante na segunda parte do paralelismo poético.

Terceiro, no paralelismo sintético, aspas, o paralelismo consiste apenas nesta forma semelhante de construção, aspas finais. Não é sem razão que a descrição de Lowth do paralelismo sintético é um tanto vaga, pois foi projetada para cobrir tipos muito diferentes de paralelismo, onde a suposta resposta na segunda metade dos versos poéticos nem sempre é óbvia.

Provérbios 16, 12 pode servir como um exemplo típico do tipo menos óbvio de paralelismo sintético. Citar,

os reis detestam ações perversas,
pois um trono é sustentado pela justiça.

Bem, você decide se isso é realmente paralelismo.

Bem, é alguma coisa, e voltaremos a isso. Assim, Lowth pensava que as regularidades inerentes ao triplo sistema de paralelismo que ele havia descoberto eram tão fortes que poderiam servir a duas funções importantes na interpretação crítica da poesia hebraica, nomeadamente a lexicografia e a crítica textual. A citação a seguir ilustra a visão de Lowth, uma postura adotada na prática pelos sucessores de Lowth em grande parte até os dias atuais.

Cito que esta atenção estrita à forma e estilo da composição será de grande utilidade para ele como intérprete, e muitas vezes o levará ao significado de palavras e frases obscuras. Às vezes, sugerirá a leitura verdadeira onde o texto em nossas cópias atuais estiver defeituoso e verificará e confirmará uma correção oferecida com base na autoridade dos manuscritos ou das versões antigas. Assim, Lowth acreditava que o sistema de paralelismo era tão estrito e preciso que quando encontramos uma palavra obscura no paralelismo, que tinha um paralelismo com uma palavra cujo significado conhecemos, então no paralelismo sinônimo a palavra obscura deve significar o igual à sua contraparte paralela.

Da mesma forma, ele também argumentou, e muitas pessoas o seguiram ao longo dos séculos até agora, que sempre que tivéssemos uma linha poética em paralelismo onde o paralelismo não fosse tão perfeito quanto ele queria que fosse, poderia ter havido um erro na textual transmissão, na cópia através dos séculos daquele texto. E então ele se sentiu bastante confiante, e muitas pessoas depois dele fizeram o mesmo, que quando o paralelismo não era tão preciso como as pessoas agora esperavam que fosse, que éramos livres como estudiosos para realmente mudar esse texto e torná-lo mais paralelo do que o original, que encontramos no original hebraico. Você pode ver os problemas com isso, porque quem pode dizer que esse

paradigma de paralelismo estrito que Lowth estabeleceu era realmente verdadeiro se houvesse de fato tantas centenas de casos em que o paralelismo não era nada estrito.

Você pode ver como a evidência, o material que a teoria foi projetada para explicar, foi alterado para se adequar à teoria. Um grande problema, para ser sincero. Mas o que você precisa lembrar agora, embora eu esteja, em breve argumentarei, que na verdade esse sistema preciso dessas três categorias diferentes de paralelismo está desatualizado e extremamente problemático, no entanto, você precisa saber sobre sinônimos, paralelismo antitético e sintético, a ideia disso, pelo menos porque em muitos dos livros que você lerá ao longo de seus estudos da Bíblia, você encontrará esse tipo de teoria.

Deixe-me dar aqui um exemplo de uma situação típica em que uma emenda textual com base em um melhor paralelismo foi realmente praticada. Isto vem do comentário muito bom de Richard Clifford na edição recente da série de comentários da Biblioteca do Antigo Testamento. Comentando Provérbios 29.6, ele afirmou que, e eu o cito um pouco livremente, o hebraico da segunda metade do versículo, a saber, o justo canta, *yarun*, e se alegra, não é um paralelo satisfatório com a primeira metade do verso.

Sua versão alterada de todo o versículo diz: as ofensas de um canalha o prendem, mas uma pessoa justa corre regozijante, na qual ele substitui *yarun*, canta, com *yarutz*, ele correrá. E você pode ver como ele ajustou o versículo à teoria aqui. Ao longo dos últimos dois séculos, foram feitas literalmente centenas e centenas de sugestões deste tipo.

Da mesma forma, os dicionários modernos de hebraico bíblico contêm centenas de propostas para o significado de palavras ou frases obscuras baseadas na ideia original de paralelismo de Lauth, *Parallelismus Membrorum*. A aparente utilidade do paralelismo para a lexicografia e a crítica textual e as categorizações claras descritas acima contribuem de alguma forma para explicar o sucesso e a longevidade da versão de paralelismo de Lauth. Na verdade, passarei agora para o próximo capítulo do meu livro, no qual apresentarei uma série de propostas para ampliar a perspectiva do paralelismo.

Em meu estudo das repetições variantes no Livro de Provérbios, encontrei paralelismo não apenas no nível da linha poética, isto é, o paralelismo entre as linhas parciais de um mesmo verso, mas também em três outros níveis. Dois deles foram mencionados por outros estudiosos. Paralelismo semilinear na obra de contribuição de Wilfred Watson, e paralelismo interlinear em uma obra muito importante de Robert Alter.

O quarto nível de paralelismo, o que chamo de paralelismo translinear, entre versos poéticos não adjacentes, completa, na minha opinião, o quadro de uma consideração contextual muito mais ampla do paralelismo na poesia. Então, não estou dizendo que não haja paralelismo na poesia. Em vez disso, o que estou dizendo na minha crítica ao paradigma de Lauth é que há muito mais paralelismo do que ele jamais imaginou.

Mas, em segundo lugar, também argumentarei que esse paralelismo é muito mais flexível, menos estrito e mais dinâmico do que ele alguma vez pensou. Então aqui vai. E talvez eu deva apenas dizer que ao desenvolver isto, descobri, depois de ter desenvolvido este esquema dos vários níveis de paralelismo, encontrei uma ideia semelhante expressa no trabalho de Denis Pardee num volume sobre poesia ugarítica e hebraica, intitulado *Paralelismo Poético Ugarítico e Hebraico* de 1988.

Portanto, quero agradecer esta contribuição, esta contribuição muito importante de um colega acadêmico, que utiliza uma terminologia ligeiramente diferente, mas que, em geral, defende o mesmo tipo de fenômeno. Então, começo com o que chamo de paralelismo semilinear. Semilinear no sentido de paralelismo, não no nível do verso inteiro, mas no nível de meio verso.

De modo que mesmo a primeira metade ou a segunda metade de um versículo tem em si duas partes paralelas uma à outra. Então, isso está num nível inferior de estrutura poética. Portanto, o paralelismo semilinear é o primeiro nível de paralelismo que opera entre as partes da menor unidade poética, o que chamo em meu trabalho de linha parcial.

Um bom exemplo é Provérbios 6, versículo 10, que, aliás, é idêntico ao capítulo 24, versículo 33, uma repetição de um mesmo versículo em diferentes coleções do Livro de Provérbios. Na tradução para o inglês, os dois versículos são assim. Um pouco de sono, um pouco de cochilo, um pouco de cruzar as mãos para descansar.

E você pode ver que a primeira linha parcial, um pouco de sono, um pouco de sono, é muito bem paralela. E então ambos na primeira linha parcial são paralelos à segunda metade do versículo, ou seja, uma pequena dobra da mão para descansar. Aqui a primeira meia linha cai naturalmente em duas metades paralelas, que por sua vez são paralelas à segunda.

Watson, apelidando esse nível de paralelismo do que chama de paralelismo interno, ou paralelismo de meia linha, produziu seis estudos pioneiros sobre os fenômenos que chamo de paralelismo semilinear, publicados entre 1984 e 1989. Segundo Watson, uma linha com paralelismo interno comporta-se como um dístico ou um verso inteiro. E isso é bem ilustrado em exemplos como Provérbios 6, 10 e 24, 33.

Uma das questões fascinantes é se pode ser demonstrado, como parece ser o caso em alguns versículos, que os paralelismos de meias linhas de algumas das partes de seus constituintes são expressões comprimidas reformuladas a partir de meias linhas mais padronizadas e mais longas, ou o outro ao redor. E agora chegamos ao segundo nível de paralelismo, o que chamo de paralelismo intralinear. Isto é, paralelismo intra-dentro de um mesmo versículo.

E isso é realmente, mais ou menos exatamente, o que Robert Lowth descreveu com relação aos versos A e B, ou primeira meia linha e segunda meia linha, ou as várias palavras dois pontos A, dois pontos B, as várias maneiras pelas quais isso foi descrito. No paralelismo intralinear, a descrição padrão do paralelismo até agora, existem paralelos entre os versos parciais de um verso poético normal. Uma vantagem crucial de reconhecer os vários níveis de paralelismo é que na maioria dos casos em que o paralelismo no nível intralinear é reduzido ou inexistente, ele existe, no entanto, nos outros níveis de paralelismo.

E vou mostrar isso em um minuto. Em inúmeras ocasiões, esse insight resolve problemas que foram levantados anteriormente devido a uma aparente falta de paralelismo na análise de muitos versos poéticos. Passo agora ao paralelismo interlinear.

Inter, isto é, entre versos sucessivos de um determinado poema ou sequência de versos ou versos poéticos. O paralelismo interlinear diz respeito à correspondência entre linhas poéticas adjacentes, como por exemplo nos Salmos 27.3 e Salmos 88.12-13. Exemplos do Livro de Provérbios incluem, por exemplo, Provérbios 2 versículos 1 e 2, capítulo 6 versículos 16 a 19 e assim por diante. O exemplo clássico de paralelismo interlinear no livro são os versículos adjacentes, Provérbios 26, versículos 4 a 5. Isso é divertido.

Vê isto. Então, paralelismo interlinear, o primeiro verso e depois o segundo verso. Levantarei minha mão esquerda quando ler o primeiro versículo e levantarei minha mão direita quando ler o segundo versículo.

Não responda ao tolo de acordo com a sua tolice, para que você também não se torne como ele. Responda ao tolo segundo a sua estultícia, para que não se torne sábio aos seus próprios olhos. Você consegue ver o paralelismo? É a primeira metade dos dois versos sucessivos.

Não responda ao tolo de acordo com a sua tolice. Responda ao tolo de acordo com a sua loucura. Temos uma contradição flagrante na Bíblia.

Isto é muito divertido. As pessoas geralmente surtam ou ficam preocupadas. As pessoas se inspiraram na verdade da Bíblia.

Como essas duas afirmações podem ser verdadeiras? Não vou abordar isso agora. Entretanto, em uma das últimas palestras, examinaremos esses dois versículos em grande detalhe. Tentarei explicar porque é que estas contradições existem nesta forma flagrante.

Acho que você vai gostar do que encontraremos lá. Mas, por enquanto, menciono isso apenas como um exemplo de paralelismo interlinear. Há pouco ou nenhum paralelismo nos níveis intralineaes dos dois versos poéticos.

O paralelismo existe antes entre as duas linhas poéticas, como acabei de explicar anteriormente em paralelismo intralinear. Ok, e agora chegamos ao nível final, o maior nível de paralelismo, ou seja, paralelismo translinear. Este é o nível de paralelismo que se estende pelas maiores extensões de material.

Paralelismo translinear é meu termo para a correspondência entre versos poéticos que são separados por um ou mais versos poéticos intermediários, como, por exemplo, em Provérbios 10, versículo 6b, que é repetido em Provérbios 10, versículo 11b, e também, para por exemplo, Provérbios 13, versículo 1b, e Provérbios 13, versículo 8b. Em todas essas ocasiões, e há muitas delas em toda a Bíblia e também no Livro de Provérbios, há vários outros versículos entre os versos poéticos ou versos parciais que são paralelos, mas essas repetições são tão próximas e semelhantes o suficiente para paralelismo seja detectável pelo leitor atento. Portanto, este paralelismo de versos ou partes de versos em relativa proximidade é o sentido mais restrito em que emprego o termo paralelismo translinear.

Na verdade, irei agora para o final do meu livro, em direção à conclusão, e direi um pouco mais, principalmente a título de crítica e correção, sobre como acredito que nos dias atuais precisamos aproveitar a beleza do paralelismo e como é melhor analisado. E muito do que direi é, na verdade, uma crítica e um diálogo crítico com a compreensão tradicional do que hoje chamo de teoria do paralelismo preciso. Assim, antes de mais nada, o paralelismo poético, a meu ver, consiste em repetição e variação, em diferença e semelhança.

Este é talvez o aspecto mais importante de como cheguei a compreender o paralelismo poético. Então deixe-me explicar isso um pouco mais. Então, quero falar agora, nos próximos minutos, sobre a diferença no paralelismo.

John Goldingay, um estudioso muito conhecido do Antigo Testamento, afirmou em um artigo que escreveu há cerca de 20 anos, que a prosódia hebraica, ou seu termo para poesia, poesia hebraica, gosta de combinar repetição com variação. Gostaria agora de reafirmar e desenvolver a sua declaração, nas minhas próprias palavras, com o seguinte. A combinação criativa de repetição com variação é a própria essência da poesia hebraica.

E acredito que isto tem consequências significativas para a nossa compreensão da própria natureza da poesia proverbial e também de outras poesias. A maioria dos provérbios não é fácil de entender e não foi feita para ser assim. Eles exigem investigação e exegese diligentes.

E veremos muitos, muitos exemplos nas palestras a seguir. Intérpretes profissionais recentes e leitores gerais de provérbios simplesmente não acreditaram que as declarações que discutimos numa palestra anterior, no Capítulo 1, versículos 1 a 6, e no Capítulo 2, que examinaremos em breve, precisam ser levadas a sério. E eu diria que isso precisa mudar.

Precisamos de ser muito mais sofisticados na nossa interpretação destes textos porque os próprios textos são sofisticados. Deixe-me lembrá-lo daquele famoso exemplo do capítulo 26. Como pode haver uma contradição tão flagrante nos versículos subsequentes? Anteriormente, as pessoas disseram, bem, isto é apenas uma contradição e é estúpido.

Essas pessoas não eram estúpidas. Houve uma razão pela qual eles fizeram isso, e é nosso trabalho descobrir qual é essa razão. O paralelismo não pode ser avaliado e apreciado simplesmente listando e contando componentes sinônimos ou antitéticos das várias partes do verso poético.

Coisas semelhantes podem realmente ser ditas de muitas maneiras diferentes. E são as diferenças entre as diversas opções que criam a identidade única, o significado e o impacto pragmático das muitas variações possíveis. Em materiais proverbiais em geral, e estou cada vez mais convencido, também na poesia hebraica em geral.

Só para lembrá-lo, a diferença na repetição de Provérbios 1, versículo 7, para Provérbios 9, versículo 10, onde discutimos o significado do *reshit* do conhecimento ser o temor do Senhor, é um exemplo para apoiar este argumento. Assim, as diferenças entre componentes paralelos na poesia, que resultam naquilo que chamo de paralelismo impreciso, desempenham um papel crucial no processo de comunicação e são evidência de habilidade poética e potencial criativo. Às vezes, os materiais poéticos apresentam uma ousada falta de correspondências de paralelismo.

Tipos interessantes de paralelismo não são aqueles que apresentam sinonímia ou antítese perfeita ou próxima. Em vez disso, são aqueles que estão suficientemente próximos para que o paralelismo permaneça discernível, mas suficientemente diferentes para dizer algo distinto em cada parte do paralelo, de modo a alargar a perspectiva do que é dito nas outras partes da linha poética, cada parte assim iluminando e realçando o outro. Portanto, são as diferenças entre variantes e entre elementos correspondentes nos vários níveis de paralelismo que são mais interessantes.

É aqui que surgem novos significados e nuances que tornam a leitura do Livro de Provérbios uma fascinante aventura mental. No paralelismo, as expressões correspondem entre si de maneiras que podem ser descritas como equivalentes no sentido amplo do termo, mas são suficientemente distintas para serem informativas e interessantes. Muitas vezes, um sentido geral de equilíbrio e a utilização de imagens como símiles ou metáforas podem servir como indicadores de paralelismo para criar um sentido de correspondência em vez de equivalência total.

A tendência natural dos leitores em tentar esclarecer o funcionamento dessa correspondência é o que estimula a sua imaginação. Eu, portanto, recomendo que o sistema de três níveis de paralelismo antitético e sintético sinônimo seja substituído por análises detalhadas de exemplos específicos de versos poéticos por direito próprio. Essas análises devem ser flexíveis, específicas e imaginativas.

Devem explicar como as diferentes partes dos versos poéticos se inter-relacionam. Muitas vezes, a natureza imprecisa do paralelismo permite uma série de implicações e inferências complexas e altamente produtivas que enriquecem imensamente o significado e o significado. Assim, na minha opinião, a evidência cumulativa sugere que devemos abandonar a classificação do paralelismo como uma marca distintiva da poesia bíblica.

O selo de designação é utilizado como garantia de qualidade na avaliação de metais preciosos como ouro e prata. Em sentido figurado, como no seu uso para descrever a importância do paralelismo na poesia bíblica, o paralelismo tem sido entendido como uma característica distintiva e como uma indicação de excelência. Tradicionalmente, a justaposição de termos em versos poéticos que criam um paralelismo direto e preciso tem sido considerada um melhor tipo de paralelismo e, por implicação, um exemplo de melhor poesia.

Na minha opinião, estes tipos de julgamentos de valor não são justificados. O paralelismo continua sendo, é claro, uma das características mais frequentes da poesia bíblica. Mas deve contentar-se com um papel ao lado de outras características poéticas.

A maioria dos versos poéticos desempenha um papel num contexto literário mais amplo e a necessidade de continuidade contextual moldou a composição paralela da maioria dos versos poéticos para cumprir este propósito, juntamente com o desejo de paralelismo. A ideia de paralelismo perfeito precisa ser abandonada. O número de correlações precisas em versos poéticos como medida da qualidade poética também deve desaparecer.

O paralelismo opera ao lado de outros aspectos, como contexto e imagens. Agora quero falar um pouco sobre tipos de paralelismo um pouco mais incomuns, mais

criativos e interessantes. Aqui quero concentrar-me particularmente no equilíbrio e na elipse e em como a própria imprecisão do paralelismo pode criar mais significado e estimular a imaginação.

Portanto, as linhas parciais nos provérbios hebraicos geralmente têm comprimento igual ou semelhante. Isso nos ajuda a compreender muitas outras características poéticas, como paralelismo impreciso e reticências. A técnica poética da elipse é mais importante do que se reconhecia anteriormente.

Então, em primeiro lugar, reticências e novas informações. No passado, a elipse era vista principalmente como um dispositivo que economizava espaço. Por outro lado, eu argumentaria que a elipse libera espaço sem perda de significado e, portanto, materiais novos e adicionais podem ser introduzidos no paralelismo de linhas que permanecem de igual comprimento, embora mais informações estejam sendo fornecidas na parte da linha com a elipse. .

Porque reticências não significa que o significado seja perdido, mas sim que é criado espaço para que novas informações sejam adicionadas ao paralelismo. Também quero falar sobre reticências como um jogo de palavras. Às vezes, as reticências podem funcionar como um jogo de palavras.

Quando a lacuna criada por uma omissão pode ser preenchida com mais de uma palavra ou expressão, então surge a ambiguidade e um excedente de significado é gerado de forma irônica e engenhosa, precisamente através do que não é expresso literalmente. Quero argumentar que o paralelismo impreciso tem uma função poética e é, na verdade, uma grande imprecisão, uma técnica poética muito inteligente. O paralelismo impreciso viola as expectativas dos leitores de que as linhas paralelas na poesia hebraica são semelhantes.

A informação implícita pode, portanto, ser reconstruída porque paralelos imprecisos estimulam a substituição mental de informação implícita ou elíptica, como já discutimos. Assim, o paralelismo impreciso aumenta a quantidade de informação que a linha poética pode transmitir porque os contrastes imprecisos implicam os seus respectivos contrastes na meia-linha oposta. Às vezes, novamente, várias reconstruções são possíveis e este é o sinal do potencial poético do paralelismo impreciso, nomeadamente a multivalência, um excedente de significado e não um sinal de falhas na sua análise.

O paralelismo impreciso também destaca o papel da concisão na poesia. Ele maximiza a quantidade de informações sem comprometer a concisão ou a brevidade. A brevidade na poesia hebraica e talvez em toda a poesia não é um fim em si mesma, mas um meio de envolver leitores e ouvintes numa interpretação ativa e imaginativa.

Pode funcionar como uma técnica poética para criar ambiguidade, ambiguidade deliberada e, assim, multiplicar o significado. Portanto, o que temos aqui no Livro dos Provérbios e no seu paralelismo é um imenso estímulo para o envolvimento imaginativo dos leitores com a beleza poética do conteúdo destes sábios ditos. Então, nesta parte da palestra até agora temos falado sobre paralelismo poético e sei que foi bastante técnico, bastante detalhado, mas espero que possamos estabelecer as bases para uma leitura e interpretação imaginativa dos Provérbios para o resto do livro. esta série de palestras sobre o livro.

O que quero falar agora, seguindo diretamente a nossa consideração do paralelismo poético, é a poesia bíblica e a imaginação poética. O que quero dizer quando digo que o que foi escrito com imaginação deve ser lido com imaginação? E, mais uma vez, basear-me-ei em grande parte no resumo e nas conclusões do meu livro sobre a imaginação poética paralela. No livro, e teremos alguns exemplos disso mais tarde na série de palestras, argumentei e mostrei, acredito, que consegui mostrar que a maioria das repetições variantes no Livro de Provérbios são o resultado de uma criatividade poética hábil.

Muitas vezes, conseguimos reconstruir o processo poético editorial e criativo e podemos observar o que os poetas fizeram, como o fizeram e por que o fizeram. A atenção aos detalhes estimulou a nossa imaginação e, por sua vez, podemos agora ver a imaginação poética dos poetas originais em ação. E veremos alguns detalhes disso, alguns exemplos mais adiante.

Uma aplicação prática das nossas descobertas leva-nos a refinar as nossas abordagens ao estudo da poesia bíblica e encoraja-nos a adaptar os nossos métodos interpretativos. E assim, nos próximos minutos, irei primeiro destacar algumas falácias exegéticas e sugerir estratégias para a sua erradicação. A seguir proporei técnicas analíticas para a determinação de correspondências poéticas.

Destacarei o papel das diversas competências interpretativas e chamarei a atenção para a importância da imaginação do intérprete. Então, antes de mais nada, algumas falácias exegéticas proeminentes. Dividi as falácias comuns nos procedimentos exegéticos em quatro grupos.

Mas eles estão relacionados principalmente devido à sua base comum na teoria do paralelismo estrito ou do paralelismo preciso. A primeira dessas falácias são as referências a outros versículos para resolver ambigüidades. E vemos o exemplo de Provérbios 1.7 e 9.10 como uma ilustração clara disso.

Um método aceito para resolver ambigüidades na poesia há muito tempo tem sido referir-se a construções semelhantes em outros lugares. Um dos resultados importantes e talvez controversos da minha forma de ler poesia é a conclusão de que

este procedimento precisa ser empregado com mais cautela no futuro. Ou talvez nem um pouco.

A comparação entre variantes e expressões poéticas semelhantes, é claro, pode nos dizer muito sobre o significado dos versos, mas não com o objetivo de assimilar seus significados entre si. A compulsão de muitos intérpretes ocidentais modernos para remover a ambigüidade resultou frequentemente no aparecimento de afirmações de verdade totalizantes nos Provérbios do Livro dos Provérbios, quando foram, na verdade, os próprios intérpretes que roubaram aqueles Provérbios de suas nuances através de sua aplicação estrita. de paralelismo preciso. Provérbios com rica ambigüidade foram então acusados de serem irrealistas, banais ou dogmáticos.

Ironicamente, essas acusações muitas vezes vieram dos mesmos estudiosos que haviam acabado de roubar dos Provérbios suas sutilezas e multivalência. É muito engraçado, realmente. Na realidade, porém, nuances subtis sinalizam muitas vezes mudanças significativas no significado e as comparações devem centrar-se nelas, a fim de descobrir os aspectos únicos de cada expressão poética e depois interpretá-la nos seus próprios termos.

Se as comparações não puderem reduzir totalmente a ambigüidade, que assim seja. A ambigüidade é muito frequentemente o objetivo da afirmação poética. Uma segunda falácia é o que eu chamaria de lexicografia de paralelismo poético e crítica textual.

O Bispo Lowth , como vimos, viu o paralelismo preciso como uma passagem segura para o significado de palavras obscuras e como uma ajuda para emendas contextuais. As gerações subsequentes de intérpretes usaram-no na lexicografia e na crítica textual. Contudo, eu argumentaria que as ambigüidades na poesia hebraica não deveriam ser resolvidas com referência a construções semelhantes em outros versos.

O mesmo se aplica à identificação do significado preciso de palavras raras. A determinação dos significados das palavras com base no paralelismo com palavras desconhecidas sendo identificadas como sinônimos de suas contrapartes paralelas no caso de paralelismo sinônimo e como antônimos de suas contrapartes paralelas no caso de paralelismo antitético precisa ser reconsiderada. Emendas textuais e indicações lexicográficas precisas baseadas num paralelismo ideal ou preciso são problemáticas.

O sucesso e a longevidade do método de Lowth baseado no paralelismo devem-se muito à sua aparente utilidade para essas mesmas abordagens de lexicografia e crítica textual. Infelizmente, precisamos abandonar esta esperança de acesso fácil ao significado de muitas palavras hebraicas desconhecidas ou obscuras. O

procedimento pode, na melhor das hipóteses, fornecer indicações gerais sobre uma série de significados de palavras hebraicas obscuras e/ou desconhecidas.

Todos os significados das palavras nos dicionários hebraicos que foram reconstruídos com base no paralelismo preciso precisam ser reexaminados e muitos precisarão ser abandonados. Isto não significa que todas as emendas textuais ou propostas lexicográficas baseadas no paralelismo estejam erradas, mas as nossas conclusões certamente exigem cautela. Estas propostas precisam de ser novamente testadas à luz dos desenvolvimentos recentes.

Em terceiro lugar, quero falar sobre a falácia exegética daquilo que chamo de melhor paralelismo. Vimos um exemplo proposto por Richard Clifford um pouco antes na palestra. O procedimento amplamente praticado de melhorar o texto dos versos poéticos reais com base num paralelismo aparentemente melhor é, na minha opinião, uma falácia exegética.

É certo que as interpretações baseadas num melhor paralelismo podem por vezes ser utilizadas com benefícios, desde que sejam utilizadas heurísticamente e com a devida cautela, e não como uma solução metodológica para tudo. Propostas de emendas textuais ou conjecturas com base no fato de que produzem melhor paralelismo deveriam ser totalmente abandonadas no futuro estudo da poesia bíblica. Agora me volto para insights, valores, virtudes, habilidades e técnicas para ler poesia bíblica com imaginação.

Dividi esses insights, características e métodos em três grupos, mas, novamente, é claro, eles estão intimamente relacionados. Principalmente, você adivinhou, através de sua base comum na aceitação da diferença no paralelismo e na ênfase na imaginação na interpretação. E acredito, para ser honesto, que muito nesta seção, o que vou compartilhar com vocês agora, se aplica também à poesia extra-bíblica de todas as línguas e de todas as idades.

Assim, passo primeiro às técnicas analíticas para a determinação da correspondência poética. E quero falar aqui sobre normas heurísticas aliadas ao valor indispensável da flexibilidade. Os analisadores de paralelismo precisam identificar as partes precisas das linhas parciais que correspondem.

A passagem de uma percepção amplamente intuitiva do paralelismo para descrições mais detalhadas da forma como os elementos supostamente paralelos se relacionam traz benefícios tangíveis. Às vezes, elementos que pareciam corresponder revelam-se não relacionados. Às vezes, aparentemente, elementos não relacionados podem ser combinados com contrapartes adequadas.

Freqüentemente, podem ser identificadas funções poéticas ou contextuais de elementos aparentemente isolados. A suposição heurística de que os versos parciais

na poesia bíblica têm comprimento igual ou semelhante desempenha um papel importante na análise do paralelismo. Ocasionalmente, a norma heurística suscita uma investigação sobre a razão pela qual uma determinada linha poética se desvia daquela suposta norma e expectativa.

Por que isso não é paralelo? Essa é uma pergunta muito boa para se fazer. Vimos ao longo do livro que o paralelismo preciso é realmente raro no livro de Provérbios, e mostrarei mais e mais exemplos à medida que avançamos na série de palestras. No entanto, o conceito de paralelismo preciso como elemento explicativo ou exploratório pode ser uma ferramenta útil na interpretação, desde que o empreguemos de forma imaginativa e flexível.

Não é uma solução para todas as tarefas interpretativas, mas pode ser útil como uma técnica autoeducativa e empregada indutivamente. Acredito que este será o significado duradouro da contribuição de Robert Lauth ao estudo do paralelismo hebraico. Os padrões poéticos comuns, desde que sejam considerados normas exemplares, podem servir um propósito duplo e apenas aparentemente contraditório.

Eles podem explicar certas características incomuns de determinados versos poéticos, mostrando como e por que o material foi moldado para se conformar a diferentes convenções poéticas. Muitas vezes, diversas convenções poéticas ou normas linguísticas podem levar a forma particular de uma determinada linha poética em direções diferentes. E é, em última análise, o poeta quem decide qual das várias normas poéticas ele ou ela deseja seguir ao compor o paralelismo.

Consequentemente, os nossos métodos e procedimentos analíticos precisam de mudar de caso para caso, visando encontrar a abordagem que melhor se adapta ao material poético específico que está em consideração num determinado momento. A poesia necessita de métodos flexíveis de análise, especificamente adaptados a cada unidade poética como uma manifestação única da imaginação poética. Passo agora à habilidade interpretativa e à imaginação.

E aqui quero focar nas normas heurísticas e no que chamo de aceitação do verdadeiramente incomum. O que quero dizer com isso? A análise do paralelismo depende da exploração diligente dos elementos correspondentes, por mais imprecisas ou incompletas que sejam as suas semelhanças. Analisar com precisão a poesia hebraica não é, entretanto, uma ciência rígida e rápida com regras simples.

Não existem atalhos exegeticos. O caminho para o sucesso reside na análise diligente, atenta e imaginativa de cada instância de paralelismo nos seus próprios termos e por si só. Isso pode consumir muito tempo, mas ler devagar é exatamente a essência da poesia.

Alocar instâncias de paralelismo em categorias predefinidas pode, na verdade, impedir a atenção aos detalhes porque as categorias são consideradas autoexplicativas. Por outro lado, argumentei e estou argumentando que as declarações poéticas não são diretas e não deveriam ser. Eles são deliberadamente projetados para retardar o processo de leitura e forçar o leitor ou ouvinte a se envolver profundamente com a imaginação poética.

A menção ao ouvinte levanta a questão, entretanto, se a leitura lenta é ou não realmente um método apropriado para a análise de poesia. Esta questão diz respeito especialmente e ainda mais aos provérbios que originalmente foram concebidos para serem falados, ouvidos, não vistos. A maior parte, se não toda, da poesia ao longo dos tempos foi composta para execução oral, destinada a um modo de encontro que parece efêmero e fugaz e, portanto, na execução oral da poesia, pode não haver audição lenta.

Acho que posso ter me encurralado ali. Ou eu fiz? Em resposta, eu diria que a maior parte, se não toda, da poesia ao longo dos tempos foi gravada de uma forma ou de outra, seja por escrito ou, talvez ainda mais importante, na memória, para ser executada repetidas vezes. O equivalente à leitura lenta na execução oral da poesia é, portanto, ouvir novamente.

A repetida execução e audição da peça poética, quer através da citação frequente de, digamos, um provérbio, quer através da repetição e talvez discussão do provérbio no evento comunicativo através do diálogo entre os interlocutores ou através do diálogo entre vários ouvintes. A análise hábil da poesia hebraica precisa, então, ir além de categorizações nítidas ou da marcação, a mera marcação de dispositivos poéticos. Pelo contrário, baseia-se na intuição e na flexibilidade, em prestar atenção a todos os aspectos da linguagem poética ao mesmo tempo e, talvez o mais importante, em abraçar o incomum.

Embora a poesia como tal seja, evidentemente, invulgar, quando julgada da perspectiva da prosa como norma, a própria noção de poesia que quebra a norma é certamente equivocada. Muitas das primeiras peças escritas em um amplo espectro de culturas eram poéticas. A poesia sempre esteve no centro do pensamento e da comunicação humana.

Conseqüentemente, a poesia é a norma da comunicação humana tanto quanto a prosa. A questão chave, então, é esta. Qual é a natureza do incomum na poesia? Se a poesia revela o que é incomum na prosa, então tais características incomuns são a norma na poesia.

Assim, conhecer e compreender o padrão dessas características inusitadas é importante, e é isso que os manuais tradicionais de poética ensinam bem. O que esses manuais também não transmitem é o que quero chamar de verdadeiramente

incomum. O verdadeiramente incomum na poesia não são as características incomuns que atendem às nossas expectativas de características incomuns da poesia, que é o padrão, mas aquelas características que surpreendem até mesmo os leitores e ouvintes que conhecem bem o gênero poético.

Ironicamente, em grande parte da interpretação e crítica bíblica ao longo dos últimos 200 anos ou mais, são estas características verdadeiramente incomuns, que são provavelmente os verdadeiros tesouros da poesia bíblica, e qualquer poesia nesse sentido foi aquela que foi frequentemente declarada imprópria e ignorado ou explicado ou normalizado. E impedimo-nos de perceber o gênio imaginativo dos poetas originais. Este tipo de características verdadeiramente criativas da poesia são, obviamente, difíceis de definir, e é aqui que, mais uma vez, quero dizer que a intuição e a imaginação se tornam cruciais.

A interpretação imaginativa e hábil da poesia reconhece a poesia como uma forma normal de comunicação humana. Valoriza as características incomuns da poesia como características normais da linguagem poética. E também, e mais ainda, celebra o verdadeiramente inusitado como expressão suprema da imaginação poética.

Em outras palavras, valoriza os traços normais da expressão poética e celebra o que é verdadeiramente inusitado. Características verdadeiramente inusitadas da poesia surpreendem, encantam e convidam os leitores e ouvintes a se envolverem profundamente com a imaginação poética. E essas declarações que acabei de compartilhar sobre o que considero verdadeiramente incomum, eu diria, foram provavelmente a descoberta mais gratificante e mais emocionante para mim em meu envolvimento com o Livro de Provérbios.

E acho que, pelo menos, isso pode causar um impacto real e uma diferença na maneira como lemos a poesia bíblica, e qualquer poesia nesse sentido. Finalmente quero dizer algo sobre ambiguidade, jogos de palavras e habilidades interpretativas. A ambigüidade é proeminente e valiosa na poesia bíblica.

Esta visão simples, mas profunda, enriquecerá a interpretação moderna da poesia. Mais jogos de palavras serão descobertos. Mais exemplos de tipos de jogos de palavras considerados raros surgirão.

A pressão sobre os intérpretes para chegarem a significados únicos e definitivos diminuirá. Muitas das chamadas cruciais interpretativas, dificuldades no texto que foram declaradas como insolúveis, como insolúveis, serão na verdade resolvidas porque descobriremos que foram, em primeiro lugar, motivadas por uma ambigüidade deliberada destinada a criar multivalência. As aparentes crues serão celebradas como o que são, exemplos de engenhosidade poética.

Portanto, as boas práticas na formação acadêmica de estudiosos da Bíblia devem nos preparar para ler os textos com imaginação e abertura a sutilezas como as que encontramos e encontraremos nesta série de palestras sobre o Livro de Provérbios. Os intérpretes de poesia bíblica e de poesia proverbial, em particular, precisam da habilidade técnica necessária para reconhecer jogos de palavras quando os vêem. Eles precisam de virtudes interpretativas como diligência, imaginação, coragem e sabedoria.

A diligência lhes permitirá descobrir sutilezas poéticas. A imaginação os ajudará a descobrir e valorizar múltiplos significados. A coragem os capacitará a conviver com questões abertas sobre os vários significados possíveis das declarações poéticas.

A sabedoria abrirá os seus olhos para a relevância moderna dos materiais proverbiais e os guiará na aplicação apropriada dos provérbios bíblicos. Portanto, no restante da Aula 4, quero agora discutir o design das várias palestras que compõem a maior parte dos capítulos 1 a 9 de Provérbios. E ao fazer isso, também falarei um pouco mais amplamente sobre a estrutura de Provérbios. 1 a 9 como um todo. Agora, existem 223 versículos no Livro de Provérbios, ou seja, 223 dos 915, que aparecem mais de uma vez.

Um grande número dessas repetições variantes, onde aparecem em Provérbios 1 a 9, estão nas chamadas seções introdutórias ao que tem sido chamado de dez instruções, por exemplo, vibra, ou dez palestras, por exemplo, de Waltke e Fox em seus comentários, com diversas expansões. A existência destas instruções foi notada pela primeira vez pela Vibre e tem sido amplamente aceita. Três assuntos, no entanto, permanecem controversos.

Primeiro, onde terminam as várias instruções? O próprio Vibre observou que isso é mais difícil de determinar, especialmente se considerarmos expansões posteriores para materiais originalmente independentes. Em segundo lugar, como as supostas expansões se relacionam com as palestras reais? Murphy, em particular no seu comentário, salientou que não se pode separar o original da expansão sem realmente utilizar critérios bastante arbitrários. E o terceiro problema está relacionado com este, nomeadamente, as dez palestras identificadas eram realmente poemas originalmente independentes? Certamente, qualquer que fosse a forma que as palestras ou instruções pudessem ter existido antes de a coleção atingir a sua forma final, elas teriam tido materiais introdutórios.

E esses materiais introdutórios parecem ter ligações intrincadas entre si, como veremos quando considerarmos muitas das repetições variantes que aparecem no livro. E se as introduções estiverem relacionadas, teríamos de postular que estas duas foram expansões posteriores, ou teríamos de concluir que as palestras não eram originalmente independentes. A qualquer momento o estado original foi datado.

Uma característica da abordagem de Michael Fox à estrutura de Provérbios 1-9 é o reconhecimento de que as dez palestras têm uma forma típica composta de três partes. O que ele chama de exórdio, lição e conclusão. Fox aqui seguiu a sugestão de Otto Plöger, que viu uma analogia com a retórica grega clássica, na qual as partes principais de uma oração grega eram na verdade chamadas de exórdio, proposição e peroração.

Ou você poderia dizer introdução, parte principal e conclusão. Waltke, Bruce Waltke em seu comentário, concordou com isso, falando do que chamou de forma típica de palestra que consiste em uma introdução e uma lição com conclusão. Mas ele não aplicou esta ideia tão consistentemente como Fox.

Fox descreveu essas três partes da seguinte maneira. Exórdio, a introdução às palestras normalmente consiste em A, um discurso a um filho ou filhos. B, uma exortação para ouvir e lembrar os ensinamentos apresentados na palestra.

E C, uma motivação que sustenta a exortação apontando o valor do ensino. A parte principal, a lição, é a parte principal do ensino que apresenta uma mensagem coerente, geralmente baseada num tema específico. E então a conclusão.

A conclusão normalmente consiste em uma declaração resumida que generaliza a mensagem da parte principal da lição. Às vezes, esta conclusão termina em uma pedra angular ou consiste inteiramente em uma pedra angular, que é um apoteco ou provérbio que reforça o ensino e fornece um clímax memorável, como por exemplo no capítulo 1, versículo 19. Agora, tanto Plöger quanto Fox enfatizaram corretamente que há muita variedade tanto na estrutura geral (por exemplo, falta a conclusão em várias palestras), quanto na composição das partes constituintes.

Por exemplo, às vezes a transição do exórdio para a lição é marcada por um discurso renovado. Portanto, para fornecer um ponto de orientação, se você tiver oportunidade, recomendo que compare a lista de palestras ou instruções propostas tanto por Bruce Waltke em seu comentário quanto por Michael Fox em seu comentário. E embora difiram em detalhes, no geral são notavelmente semelhantes.

A estrutura global proposta por ambos provavelmente tem mais a ver com uma ligeira ênfase ou diferença de ênfase do que com uma interpretação estrutural completamente diferente. Quero concluir agora talvez apenas com alguns comentários sobre onde aparecem provérbios repetidos e onde aparecem repetições variantes nos primeiros nove capítulos. Ao todo, 46 versículos de Provérbios 1 a 9 estão envolvidos na repetição de variantes.

Isso representa 18% do número total de 256 versículos nos capítulos 1 a 9. Na maioria das ocasiões, todas as variantes de um determinado conjunto reaparecem

nos capítulos 1 a 9. Em algumas ocasiões, o mesmo versículo é repetido em mais de um versículo. . Dos 25 conjuntos variantes de repetições, o mesmo versículo é repetido, desculpe, dos 25 conjuntos variantes, nada menos que 13, ou seja 48,1%, têm membros nas introduções das palestras ou nas introduções de outras seções identificáveis, como o os chamados interlúdios de sabedoria e assim por diante. O que isto sugere então é que quem compôs os capítulos 1 a 9, tal como os temos agora, repetiu deliberadamente frases introdutórias das introduções das 10 palestras em introduções subsequentes de uma palestra seguinte.

Ora, isto sugere-me uma actividade editorial deliberada e sugere-me que estas palestras não eram originalmente independentes, mas foram criadas para serem lidas, ensinadas e ouvidas em conjunto. Na Lição Capítulo 5, iremos abordar alguns dos destaques dos versículos de repetição variante nos capítulos 1 a 9, mas também algumas das seções mais emocionantes e interessantes nestes materiais específicos. Este é o Dr. Knute Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios.

Esta é a sessão número 4, Repetições Variantes, Paralelismo, Palestras em Provérbios capítulos 1 a 9.